

Exposição · 24 fevereiro – 22 abril 2018

Michael Snow

O Som da Neve

FUNDAÇÃO CAIXA GERAL DE DEPÓSITOS

Culturgest

O Som da Neve

... (em 1964) tinha começado a perceber que a coexistência de imagens em movimento e som tinha sido muito pouco investigada. Amplos sons em filmes são atmosféricos (música de estado de espírito) e síncronos (reforçando a “voluntária suspensão da descrença” necessária ao “realismo” da narrativa fílmica). Muito mais pode ser feito.

Michael Snow, *Mmusic/Ssound*, 1994

Michael Snow (Toronto, 1928) é um dos mais importantes e complexos artistas contemporâneos. Com um percurso iniciado pela pintura e pela escultura, veio a dedicar-se, desde 1962, à fotografia e ao filme experimental, às instalações sonoras, à criação de livros de artista – mas também a projetos de arte no espaço público –, para além de continuar com um longo percurso na música improvisada.

O carácter pioneiro do seu trabalho em filme é sobejamente conhecido e amplamente elogiado pelos seus pares e pela crítica desde a estreia dos primeiros filmes, alguns ocupando um lugar de destaque na história do cinema, como é o caso de *Wavelength* (1966/77), de *La Région Centrale* (1971), *So Is This*, ou do *tour de force* que é *Rameau's Nephew by Diderot (Thanx to Dennis Young) by Wilma Schoen* (1974), tendo vindo a ser objeto de ciclos em inúmeros museus e cinematecas.

O foco da exposição *O Som da Neve*, no entanto, situa-se na utilização do som por Michael Snow, seja no contexto das instalações sonoras, seja no contexto da importância que o som possui em muitos dos seus trabalhos fílmicos, ou na relação entre música e imagem, ou mesmo no peso que o silêncio em alguns casos adquire – por contraposição em relação à palavra escrita usada em alguns filmes. Ao longo das salas da exposição, o espectador é conduzido por um percurso não-cronológico pelas instalações imersivas de Michael Snow que propõem diferentes formas de espoletar processos simultaneamente perceptivos e inteligentemente irónicos,

ora testando os limites da diegese cinematográfica ou auditiva, ora propondo complexos jogos de relação entre o espaço e o som, frequentemente com humor e uma enorme finura nas situações que são geradas.

Sala 1

***That/Cela/Dat*, 2000**

Obra apresentada pela primeira vez na exposição *Voici*, organizada por Thierry de Duve em 2000, consiste em três textos em inglês, francês e flamengo que passam em dois monitores vídeo e num ecrã central. As frases sucedem-se sincronizadas nas três línguas mas cada palavra, que surge isolada em cada momento em cada ecrã, ocupa quase o mesmo espaço, independentemente do seu tamanho ou importância na construção discursiva. As alterações de dimensão fornecem semânticas completamente diferentes, com a aparente ênfase de algumas palavras que parecem gritadas, enquanto outras parecem segredadas. Situando-se na continuidade de um dos filmes mais marcantes de Snow (*So Is This*), é um filme que é, de facto, um texto e que possui, concentradamente, muitas das qualidades mais evidentes do seu trabalho: a precisão, o jogo conceptual e um conhecimento profundo da fenomenologia da imagem.

Sala 2

#720 (Thanks to Robert Crumb), 1988

A instalação utiliza uma banda desenhada de Robert Crump, uma das figuras mais conhecidas da BD norte-americana, ligado ao movimento psicadélico na década de 1960 e figura de referência da contracultura. Em cada um dos três projetores de slides passa, repetidamente, uma das três pranchas que compõem a pequena história, sucessivamente e num loop sem fim. A temática da própria história é também a infinitude do tempo, ou pelo menos a escala humana como um ínfimo processo no ciclo da transcendência, ou a humanidade como uma ínfima prega no tempo, sonoramente ritmada pela passagem dos diapositivos.

No chão encontram-se pilhas de jornais do dia da inauguração da exposição, como uma marcação empolada da insignificância da nossa temporalidade descartável, mas as caixas nas quais os projetores se encontram instalados são de vinho – segundo a indicação do artista, “de qualidade e com alguns anos”, provando que, na insignificância do tempo humano, continua a existir espaço para alguma ação significativa do tempo.

Sala 3

W in the D, 1974

Esta é a primeira obra sonora de Michael Snow autónoma em relação ao Jazz – é a sua primeira instalação sonora espacial. Trata-se do som do próprio artista a assobiar – e a respirar –, registado em tempo real, desempenhando todas as possíveis modalidades do uso do assobio, ou do corpo como instrumento de sopro. O próprio título (*Whistling in the Dark*), que faz uma sucessão de jogos de palavras com a palavra “wind” (vento), remete para a escuridão da sala, como o interior de um outro

corpo, no qual ressoa o som de um corpo que usa o ar – e portanto, que possibilita o próprio som – como possibilidade espacial e imersiva.

Sala 4

Video Fields, 2015

Num certo sentido, *Video Fields* é o oposto de *W in the D*, porque abre para um campo exterior: nos seis ecrãs, uma mesma imagem de um campo que ondula com o vento transporta-nos do interior do corpo para a paisagem, ou, mais genericamente, para o mundo. O assunto continua a ser o ar, já não o do interior da ventilação do corpo, mas o que faz mover o campo. Com um eco em relação a um filme histórico das vanguardas russas – *A Terra*, de Alexandr Dovjenko (1930) –, a poética do vento é, no entanto, criada a partir de um som que é, na verdade, gerado por um sintetizador, desmontando a diegese do filme pela produção sintetizada do seu elemento mais marcante, o som do vento que age sobre o campo. Mais uma vez, Snow confronta os processos de crença do cinema



That/Cela/Dat, 2000

(e da arte) a partir da contradição entre uma poética “campestre” e o seu oposto – o som gerado sinteticamente – que lhe confere espessura e credibilidade.

Corredor

Sinoms, 1989

Two Radio Solos, 1988

The Last LP, 1987

Conectando as duas alas que acolhem as instalações de Snow, encontram-se em três postos de escuta outras tantas obras sonoras, pensadas para uma escuta individual e concentrada.

A mais famosa destas obras é, provavelmente, *The Last LP*. Trata-se de uma hipotética recolha etnográfica de músicas nativas e, de facto, soa ao que podemos imaginar seria o resultado deste tipo de tarefa. Tem associada uma certa ideia de tragédia associada ao fim, ao colapso de culturas em vias de extinção, embora, numa auscultação mais atenta, se comece a desenrolar o novelo do engodo: de facto, todas as composições são de Michael Snow, que também as interpreta. É uma farsa, mas possui, mais uma vez, o efeito de *trompe l'oeil* que está presente nas obras instaladas anteriores. A sua dimensão trágica e de fim de época deriva, também, da literalidade do título: trata-se de um vinil publicado no momento do seu desaparecimento em favor do CD. Que hoje a recuperação desse formato de certa forma obsoleto possua um encanto museológico e “de culto” como que completa a operação conceptual e duchampiana que a obra propõe, como uma imersão numa nostalgia irónica e, paradoxalmente poética, sobre um fim, que tanto é da diversidade cultural, como da raridade e fascínio do obsoleto, tudo isto com um piscar de olho à inteligência do espectador (e ouvinte).

Sala 5

Piano Sculpture, 2009

Esta instalação recente de Michael Snow apresenta quatro peças para piano tocadas simultânea e sincronizadamente. Conceptualmente linguística, a instalação

mapeia os procedimentos do estilo de piano de Snow. Segundo Jacinto Lageira, o procedimento musical de Snow assenta sobre a rutura e a mudança súbita, a quebra e a retoma. Estes procedimentos são aqui convertidos num quarteto, ou num duplo *Döppelgänger* – já que as imagens e as sequências musicais se confrontam face a face – numa instalação que faz implodir no seu centro todo o léxico de procedimentos do pianístico de Snow. Na torrente musical vista a partir de um plano picado manifesta-se uma intensidade que é permanentemente “máxima”, ou seja, que exige uma determinada resistência do espectador que nunca, pela configuração da sala, pode assistir a tudo, ficando remetido à necessária limitação das suas escolhas e, naturalmente, exclusões.

Sala 6

Diagonale, 1982

A segunda das instalações puramente sonoras de Michael Snow apresentadas é, também, a mais abstrata. Trata-se de um conjunto de 16 colunas de som, oito de cada lado da sala, que produzem, no seu conjunto, um acorde. Esse acorde, no entanto, é percebido diferentemente face à colocação do espectador na sala. Quando este se desloca, também a sua percepção do som se faz dinâmica, transformando o acorde pela proximidade em relação à origem do som. Assim, o que o espectador percebe depende da sua colocação espacial – da sua vontade autodeterminada aferida pela atenção às modulações da sua percepção.

Sala 7

Solar Breath (Northern Caryatids), 2002

A exposição encerra com uma instalação videográfica fascinante. Nas últimas duas dezenas de anos, Michael Snow passa o verão numa cabana (a sua versão do Cabanon de Corbusier) no norte do Canadá. Foi neste local que filmou este fenómeno da respiração do vento que atira a cortina contra uma barreira invisível (que imaginamos uma rede mosquiteira) num ritmo que marca a passagem do tempo. Este fenómeno atmosférico, com o seu

caráter encantatório, como uma respiração do mundo, encerra a exposição, quase como uma resposta ao repto lançado na primeira obra de texto, seguida pela respiração do artista, seguindo pelo vento e pela sua representação irónica no som do sintetizador, o regresso à manualidade dos solos de piano e, finalmente, um mistério do mundo.

Delfim Sardo

The exhibition *The Sound of Snow* features film, video and sound works by Canadian artist Michael Snow (Toronto, 1928). In a body of work incorporating a wide range of artistic media such as painting, sculpture, photography, film and video, Snow's practice also extends to improvised music, experimental cinema and sound installation. Michael Snow's role as a pioneer was recognised early on, both by his peers and critics, and his films

are indispensable references in contemporary experimental cinematography. Constructed in a non-chronological way, the exhibition features video installations in which sound plays a key role as well as sound installations involving the viewer, providing an immersive experience of the artist's work.

The exhibition also includes the screening of a selection of films in their original format, as well as a solo piano concert by Michael Snow – a rare occasion to directly experience the subtle humour, immense sophistication and creative freedom of this multifaceted artist's work.



Solar Breath (Northern Caryatids), 2002 - still do filme

Ciclo de Filmes

Pequeno Auditório · 4€ (preço único) · M12

Como parte integrante da exposição *O Som da Neve* serão apresentados quatro filmes de Michael Snow, obras importantes no seu percurso e marcos fundamentais do cinema experimental: desde a pedra de toque que é *Wavelength*, a movimentação de câmara de *Back and Forth*, passando pelo enorme ensaio cinematográfico de *Rameau's Nephew...* até *So Is This* (um filme que é, literalmente, um texto), é toda a relação do cinema com a criação artística contemporânea que é reequacionada.

Domingo, 4 março, 16h

Terça, 20 março, 21h15

Wavelength, 1967 16mm, cor, som, 42'

So Is This, 1982 16mm, cor, som, 43'

Terça, 6 março, 21h15

Domingo, 8 abril, 16h

Wavelength, 1967 16mm, cor, som, 42'

Back and Forth, 1968-69 16mm, cor, som, 52'

Domingo, 18 março, 16h

Terça, 10 abril, 18h30

Rameau's Nephew by Diderot (Thanx to Dennis Young) by Wilma Schoen, 1974 16mm, cor, som, 4h30 com intervalo

Sobre os filmes

Wavelength, 1967

O mais relevante filme de 1968... Um filme muito belo e importante.

Jonas Mekas, *Village Voice*

Wavelength não tem precedentes na pureza do seu confronto com a essência do cinema: as relações entre ilusão e facto, espaço e tempo, sujeito e objeto. É o primeiro filme pós-Warhol e pós-minimal; um dos poucos filmes que abraçam a ordem conceptual que ocupam a

escultura e pintura modernas. Foi certamente descrito como o "triumfo do cinema contemplativo".

Gene Youngblood, *L.A. Free Press*, 1968

Wavelength, de Michael Snow, 45 minutos puros e duros que se tornarão no "The Birth of a Nation" do cinema underground, é um documento enxuto de uma sala na qual uma meia-dúzia de negócios existiram e foram à bancarrota. Apesar de toda a sua sofisticação (e é poderoso pelas invenções espaço-temporal-sonora), é uma singularmente direta, descomplicada e radicalmente realista forma de filmar 3 paredes, um teto e um chão. É provavelmente o mais rigorosamente composto filme da atualidade.

Manny Farber, *Art Forum*

So Is This, 1982

Este filme é texto filmado. O filme diz: "Isto é o título deste filme. Também isto." Este filme é uma troca entre o autor e o espectador. É leitura comunitária. No meu trabalho, poderia ser descrito como um filho de One Second in Montreal e Rameau's Nephew.

Michael Snow

Um filme delicioso, cheio de humor e afirmativo, mas também um filme estranho: um filme-texto, uma silenciosa conversa a cores e a preto e branco, um documento autorreflexivo e uma construção ficcional, um não-filme que subverte as implicações de títulos como The Language of Cinema e How to Read a Film... por um cineasta de génio subtil.

Michael Ethan Brodzky, *Arts Canada*, 1982

Back and Forth, 1968-69

Back and Forth não só expandiu as possibilidades da moldura cinemática como postulada em Wavelength, como de facto expandiu os parâmetros da narrativa fílmica tal como a conhecíamos e expandiu-a mesmo para lá de Godard em filmes como Weekend. Em Back and Forth Snow foi capaz de fundir completa-

mente forma e conteúdo, sem no entanto abolir os elementos tradicionais de caracterização e representação.

Gene Youngblood, *L.A. Free Press*

Rameau's Nephew by Diderot (Thanx to Dennis Young) by Wilma Schoen, 1974

Argumento e realização de Michael Snow. Inicialmente filmado em Toronto e Nova Iorque pelo próprio, Keith Lock, Babette Mangolte, David York e outros.

Comecei a fazer o script deste filme em fevereiro de 1972 e continuei a escrever, filmar, misturar e editar até setembro de 1974. Algumas ideias nele presentes datam de 1966, quando reconheci em mim a ambição de fazer um verdadeiro Filme Falado, ou seja, fiel à sua descrição, chega ao seu conteúdo a partir das simultaneidades entre discurso gravado e imagem; é construído a partir das verdadeiras unidades de um filme falado – a sílaba e o frame. Todas as possíveis relações imagem/som centradas em pessoas e discurso geram as relações filme/audiência: um vasto espectro de possibilidades emocionais, a experiência de ver/ouvir este filme. “Discurso”, “Linguagem”, “Cultura” – a sua fonte, a sua natureza, provam (?) que, neste caso, uma palavra vale 1000 imagens.

Michael Snow

Até Rameau's Nephew... ninguém exibiu um filme que lidasse tão determinadamente com o espectro de problemas perceptivos levantados pelo cinema sonoro.

M. Keller, *Chicago Film Centre*

Michael Snow nasceu em Toronto, em 1928. Trabalha como artista visual e músico desde 1948. As suas pinturas, esculturas, filmes, trabalhos fotográficos, hologramas, livros e instalações sonoras foram exibidas e pertencem às coleções dos museus MoMA (Nova Iorque), Centre Pompidou (Paris), Tate Modern (Londres), Philadelphia Museum of Art, National Gallery of Canada (Otava), Montreal Museum of Fine Arts, Art Gallery of Ontario (Toronto), entre muitos outros. Produziu também muitas esculturas para o espaço público, sobretudo em Toronto, tais como *Flight Stop* (1979), no Eaton Centre, *The Audience* (1989), no Roger's Centre e *Lightline* (2016), no St. Regis Building. Em 2018 a sua obra sinfónica encomendada pela Winnipeg Symphony Orchestra estreou no Winnipeg New Music Festival. No seguimento da sua exposição na Culturgest, irá inaugurar *Closed Circuit*, uma exposição de escultura no Guggenheim Bilbao.

Visitas guiadas

Com Michael Snow e Delfim Sardo

Sábado, 24 fevereiro às 12h

Aos Sábados

17 e 24 março, 21 abril às 16h30

com Ana Gonçalves

7 abril às 16h30 com Delfim Sardo

À hora de almoço

28 fevereiro às 12h com Delfim Sardo

22 março às 13h e 11 abril às 12h

com Ana Gonçalves

Visitas Jogo para Escolas

Duração: 1h · 1€ · Mínimo: 10 participantes

Reservas: 21 761 90 78

Curador

Delfim Sardo

Coordenação de produção

Mário Valente

Produção

António Sequeira Lopes

Paula Tavares dos Santos

Fernando Teixeira

Montagem

Rute Delgado

Pedro Lagoa

Ricardo Leite

André Tasso

Maria Torrada

Agradecimentos

Embaixada do Canadá em Lisboa;

CAPC – Círculo de Artes Plásticas de

Coimbra; Mani Mazinani; Peggy Gale;

Carlos Antunes; Desirée Pedro; Jorge

Neves; Força Motriz e Quinta de Covela;

jornal Público; Burel Factory.

Galerias

De terça a sexta-feira das 11h às 18h (última
admissão às 17h30). Sábados, domingos
e feriados, das 11h às 19h (última admissão
às 18h30). Encerram à segunda-feira.

Livraria

Aberta no horário das Galerias. Encerra nos
períodos em que não há exposições.

Edifício Sede da Caixa Geral de Depósitos

Rua Arco do Cego, 50 · 1000-300 Lisboa

Telefone: 21 790 51 55

www.culturgest.pt

Apoio:



Canada Council
for the Arts

Conseil des arts
du Canada